Em uma reviravolta histórica, e trágica, o professor se viu desamparado. Habituado aos instrumentos clássicos da sala de aula – giz, lousa e saliva por anos – teve que se adaptar ao uso da tecnologia, não de forma leve e casual, mas de forma abrupta e completa.

As aulas mudaram da sala para o escritório, cada um em sua cadeira, em sua casa, e ainda que os meios não fossem os melhores, o professor tentou se apegar ao que conhecia, aos velhos hábitos, dando aos alunos uma aula expositiva, compartilhando slides e falando, por vezes em um monólogo, durante quase todo o tempo que a aula em sala duraria.

A falta de diálogo não era, por um todo, culpa do professor. Cada aluno em sua casa, rodeado de diversos fatores de distração, já a meses longe do ambiente universitário – ou de qualquer outro ambiente –, deixava difícil manter o foco na aula, e ainda mais difícil participar dela.

Mas, ainda que sozinho, a confiança do professor aumentava, ao ponto que o conteúdo desenvolvia, aula após aula através da internet. Em determinado momento, já perdido em um ambiente que não controlava, resolveu ampliar: além dos slides compartilhados, passaria também um vídeo.

Cinco minutos de silêncio, no qual o professor assistiu ao vídeo, crédulo de que pelo menos uma pequena parte dos alunos também o tivessem assistido. Sucesso.

Aulas depois, em outra turma, mais habituada ao professor e mais disciplinada nos próprios estudos, resolveu passar o vídeo novamente. Antes de quinze segundos foi interrompido.

-Professor, o vídeo não está passando.

-Não está? Mas fiz exatamente isso com a outra turma, ninguém reclamou.

-Bom, não está, talvez ninguém tivesse assistindo...